

LIVROS EM DESTAQUE

A LA ESCUELA CON EL CUERPO

Cooperativa Laboratorio Educativo
Caracas, Cuadernos de Educacion 113-114, 1984.

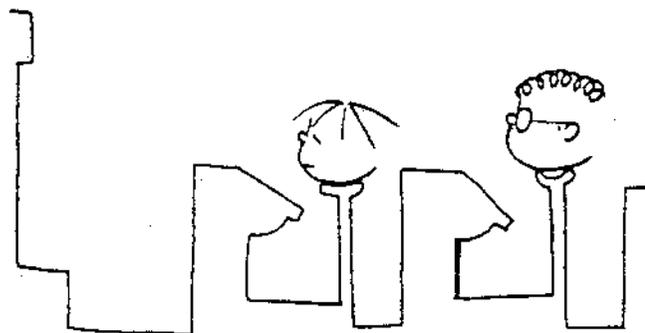
Neste número, a publicação venezuelana traduz para o espanhol uma série de trabalhos produzidos no âmbito do Movimento de Cooperação Educativa – MCE, na Itália. Os textos giram em torno da preocupação básica de integrar, nas atividades escolares, o aluno enquanto pessoa que possui e se expressa através do corpo.

A primeira parte, "O corpo como instrumento de investigação", analisa esta questão dentro da tendência mais geral difundida pelo MCE de transformar a investigação em instrumento de conhecimento no contexto da escola. Ali encontra-se um artigo de Francesco Tonucci, autor de trabalho já traduzido nos *Cadernos de Pesquisa*.

Os demais textos lidam com questões que vão desde a escola, tal como ela aparece para a criança que nela ingressa pela primeira vez, até relatos de experiências realizadas em diferentes graus do ensino italiano, lidando com a organização do espaço, a alimentação, a sexualidade, a expressão corporal, etc.

Como diz a apresentação desta edição dos *Cuadernos*, é difícil encontrar trabalhos que integrem duas palavras tão dissociadas e inimigas como corpo e escola.

M.M.C.



En la escuela el cuerpo no sirve *

* Ilustração de Francesco Tonucci (FRATO)

VIOLÊNCIA DE PAIS CONTRA FILHOS: PROCURAM-SE VÍTIMAS

Viviane N. de Azevedo Guerra
São Paulo, Cortez Editora, 1984

A obra de Viviane A. Guerra constitui-se em um convite para encararmos mais um dos temas tidos como "malditos", ou seja, a violência, e desta vez, de pais contra filhos, adultos e crianças "representantes de um modo violento de viver."

Apesar da escassez de pesquisas, documentos e de estudos específicos nesse tema, a autora procede uma significativa reconstrução histórica do fenômeno da violência entre adultos e crianças, focalizando a instituição família e seu papel ideológico a partir da formação da sociedade burguesa. Nessa mesma perspectiva, situa a medicina, que apesar de limitada pelas imposições da sociedade capitalista, exerceu papel fundamental e pioneiro nos diagnósticos de esparçamentos.

O texto nos conduz também a uma incursão ao pensamento de Janusz Korczak, médico e educador polonês, que no início do século XX denunciou calorosamente o "mundo da opressão infantil". Segundo a autora, Korczak compara esse mundo, "a opressão que a mulher sofreu durante séculos e da qual vem paulatinamente se libertando. Entretanto segundo ele a hora da criança ainda não chegou, restando-lhe apenas cumprir o papel que lhe foi destinado pela família e pela sociedade."

Não se pode considerar o trabalho de V.A.G. somente como uma valiosa contribuição ao estudo da violência. Fica no ar um desafio ou uma tarefa de extrema importância: "recuperar a discussão do circuito de violência doméstica enquanto interligado ao circuito de violência mais geral da própria sociedade."

Sylvia Cavasin

A VIOLÊNCIA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Antonieta Dias de Moraes
São Paulo, Global, 1984. 117 p.
(Global Universitária: Série crítica e teoria literária).

A literatura infantil e juvenil tem se revelado um campo promissor para editores e livreiros. No entanto, e talvez por isso mesmo, vem sofrendo um tratamento nem sempre condigno: a irresponsabilidade e a falta de seriedade na escolha de originais é comum na ânsia de se obter lucros avantajados sem considerar o público a que se destina.

Em boa hora chega esta coletânea de entrevistas realizada por Antonieta Dias de Moraes, autora e especialista em literatura infantil e juvenil.

A preocupação em discutir o crescente uso e banalização da violência, uma realidade que vem sendo explorada por diversos autores, é analisada por respeitadas personalidades como D. Paulo Evaristo Arns, Paulo Freire, Samuel Pfromm Neto e Cláudio João Paulo Saltini, entre outros. No entanto, o ponto alto desta série está com Jacqueline e Claude Held e Jacqueline e Raoul Dubois.

Os Held fogem a um tratamento superficial do tema para aprofundarem-se num discurso quase poético das relações linguagem/criança e propõem uma literatura que a faça participar desta paixão pela linguagem. Discutem igualmente o risco de se criar uma literatura juvenil asséptica e hermética que superproteja o adolescente, assim como apontam o risco de dar-lhe a impressão de que tudo lhe é permitido.

Os Dubois, por sua vez, prendem-se a questões como o real, o imaginário e suas relações. E seu discurso é igualmente substancioso.

Antonieta Dias de Moraes tem o mérito de bem conduzir as entrevistas. A obra, que poderia ser mais uma, ganha em grandeza e profundidade em razão das entrevistas dos Dubois e dos Held, cuja leitura vivamente recomendo.

Silvia Cintra Franco

UM GRITO DE LIBERDADE – UMA FAMÍLIA PAULISTA NO FIM DA BELLE-ÉPOQUE

Hermengarda Leme Leite Takeshita
São Paulo, Alvorada, 1984. 337 p.

O sucesso de um livro não depende apenas do seu valor intrínseco. A época de lançamento, a distribuição, a divulgação através dos meios de comunicação além dos cuidados gráficos e com o título podem provocar várias reedições, o acúmulo nas prateleiras ou, ainda, a sua venda por quilo para alguma fábrica de papel, sejam eles obras primas ou não.

Ao excelente livro de Hermengarda Takeshita acredito que tenha faltado uma divulgação mais ampla e um título que explicitasse melhor seu conteúdo para que tivesse o devido reconhecimento. Trata-se de um livro de memórias.

Escrito quando Hermengarda já beirava os 80 anos, o livro narra a trajetória de vida da escritora. Neta de republicanos empobrecidos por terem se empenhado na abolição da escravatura, cedo saiu da fazenda onde morava — isto nos primeiros anos deste

século — para estudar na cidade, formando-se professora primária em Botucatu no interior de São Paulo. É o tempo da *Sementeira*, dos anos da juventude, dos bailes, do namoro por cartas, das primeiras classes de magistério até o casamento, às escondidas, com o japonês Takeshita. Professora primária por vários anos — hoje aposentada — foi uma das fundadoras da Assembléia Juvenil da Boa Vontade que promovia, dentre outras coisas, a ceia de natal dos presidiários.

Hermengarda descreve seu cotidiano agri-doce, com beleza, o que torna seu livro de memórias uma excelente fonte para a História Social brasileira principalmente no que se refere à família, à mulher e à criança.

M. L. M.

A REDAÇÃO NA ESCOLA

Eglê Franchi

São Paulo, Martins Fontes, 1984. 244 p.

O livro é um trabalho originalmente apresentado como tese de Mestrado em Educação, na área de Metodologia de Ensino. Nele, a A. narra — em linguagem simples e apaixonante — sua experiência como professora numa escola de periferia.

Inicialmente, o projeto objetivava desenvolver a “capacidade” de linguagem em crianças da 3ª série do 1º grau com a preocupação de uma reflexão teórica e metodológica que não se desvinculasse da situação efetiva e real da sala de aula. E pretendia também analisar os problemas advindos da imposição da norma culta (padrão) a essa série e seus reflexos na criatividade em textos escritos.

No entanto, as dificuldades com que a A. se deparou — uma classe “difícil” de crianças discriminadas pela escola, a decorrente autodesvalorização desses sujeitos cujas deficiências e diferenças transformaram-se em entraves à formação — exigiram profundas alterações no projeto.

Para levar os alunos a escrever “bem”, impunha-se alterar não só as condições de sala de aula como também a imagem que faziam de si próprios. O problema de rendimento da classe não se resolveria simplesmente com a aplicação de novas técnicas, mas com uma profunda modificação nas atitudes. Com esta compreensão do processo, a A. empreendeu a experiência. Uma experiência rica, bem documentada e que vale a pena conhecer.

Silvia Cintra Franco